

O Uruguai de Basílio da Gama (1769)



Nascido em Minas, Basílio da Gama estudou com os jesuítas, mas foi expulso da ordem. Estudou em Coimbra, tendo de fugir para Lisboa e depois para Roma, por suspeita de ligação com os jesuítas, perseguidos pelo Marquês do Pombal. Para salvar-se do desterro a que seria condenado, escreve versos em homenagem ao Marquês e a sua família.

Marquês do Pombal: Sebastião José de Carvalho e Melo, Primeiro Ministro de Portugal, entre 1750 e

1777. No **Uruguai**, aparece como Conde de Oeiras, pois somente se tornaria Marquês do Pombal em 1769. Foi o responsável pelo processo de modernização de Portugal, que se encontrava em

descompasso com as principais nações europeias, principalmente do ponto de vista científico. Expulsou os jesuítas do Reino Português em 1759.



Tema central

Pelo Tratado de Madri, celebrado entre os reis de Portugal e de Espanha, as terras ocupadas pelos jesuítas, no Uruguai, deveriam passar da Espanha a Portugal. Os portugueses ficariam com Sete Povos das Missões e os espanhóis, com a Colônia do Sacramento. Os Sete Povos das Missões eram habitados por índios e dirigidos por jesuítas, que organizaram a resistência à pretensão dos portugueses. O poema narra o que foi a luta pela posse da terra, exaltando os feitos do General Gomes Freire de Andrade. Basílio da Gama dedica o poema ao irmão do Marquês de Pombal e combate os jesuítas abertamente.



Tratado de Tordesilhas X

Tratado de Madri

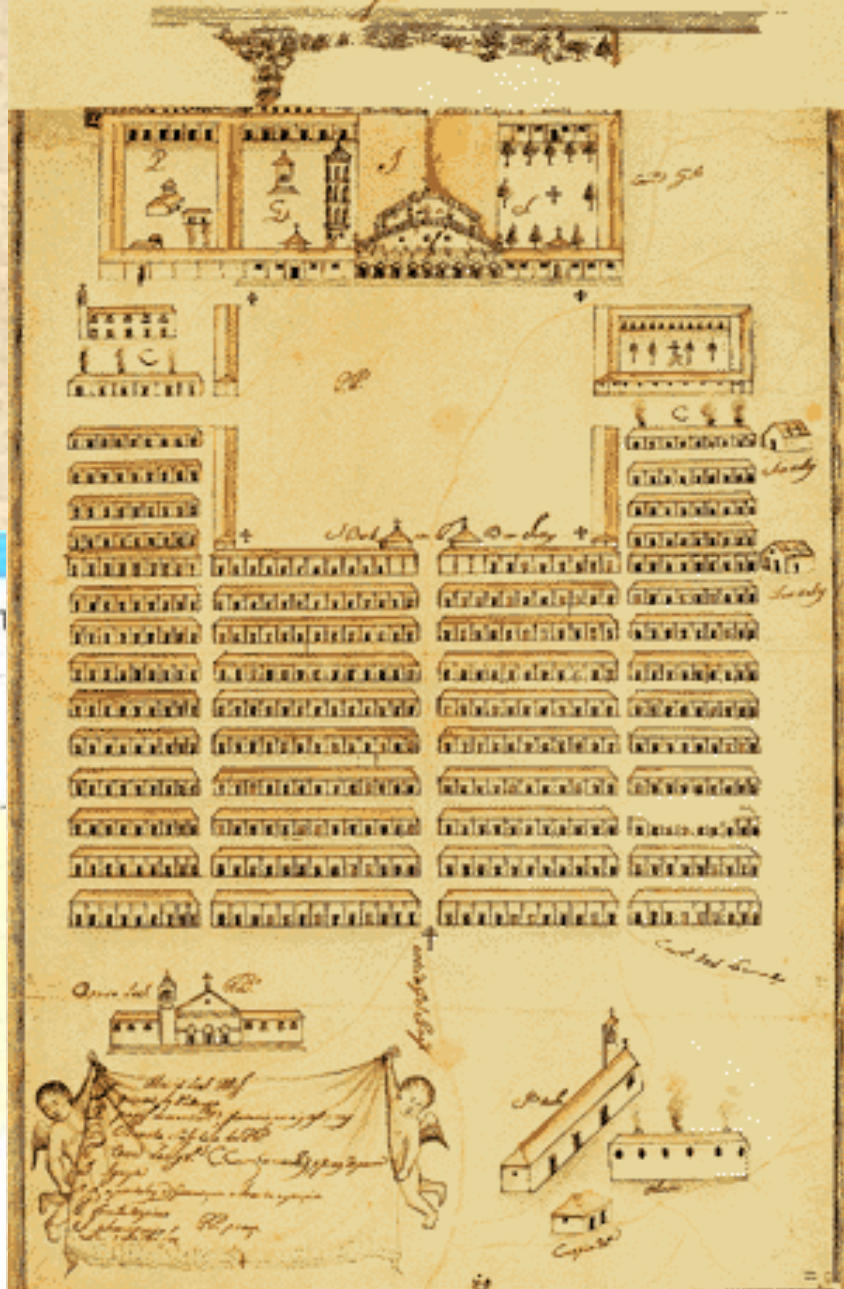
O que mudou...

FRONTEIRAS DO BRASIL



As Missões

- território espanhol (jesuítas + guaranis)
- grande desenvolvimento (exportação)
- ameaça para Portugal e Espanha





Alguns dados curiosos

População das Missões em 1753 (Guerra: 1754/56)

Total: 29.052 hab.

Menor – São Lourenço: 1.838 hab.

Maior – São Miguel: 6.898 hab.

População para comparar (em 1780):

Rio Grande (cidade mais antiga do RS): 2.421 hab.

Porto Alegre: 1312 hab.

Sobre o poema

O **Uruguai** critica os jesuítas, antigos mestres do autor Basílio da Gama. Ele alega que os jesuítas apenas defendiam os direitos dos índios para serem eles mesmos seus senhores. O enredo situa-se todo em torno dos eventos expedicionários e de um caso de amor e morte no reduto missioneiro.

Portugueses + Espanhóis X **Missões (Jesuítas + Índios)**



brancos civilizadores

(Tratado de Madri)



vilões



bom selvagem

(iludido)

Personagens

Gomes Freire de Andrade (general das tropas portuguesas);

Catâneo (chefe das tropas espanholas);

Cacambo (chefe indígena);

Sepé (guerreiro indígena);

Balda (jesuíta administrador de Sete Povos das Missões);

Tatu-Guaçu (guerreiro indígena que salva Baldetta);

Baldetta (“afilhado” do Padre Balda);

Caitutu (guerreiro indígena, irmão de Lindóia);

Lindóia (esposa de Cacambo);

Tanajura (feiticeira indígena).



Epígrafe do poema (referência clássica):

Mas a caverna, e o imenso reino de Caco apareceu descoberto, e o sombrio inferno se abriu por completo.

(Virgílio, **Eneida**, livro VIII)

Hércules teve de passar por um incêndio produzido por Caco (gigante que oprimia os **árcades**) para vencê-lo.

Hércules = Gomes Freire de Andrade (Portugal)

Caco = Jesuítas

Árcades = Índios das Missões

O Uruguai (1769)

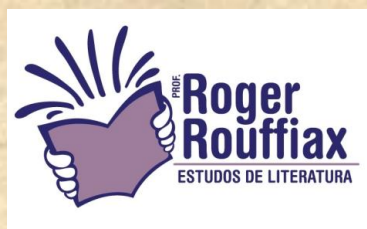
Abertura do Canto I: o poeta apresenta o campo de batalha coberto de cadáveres e exalta a vitória de Andrade.



Gomes Freire

*Fumam ainda nas desertas praias
Lagos de sangue tépidos e impuros
Em que ondeiam cadáveres despídos,
Pasto de corvos. Dura inda nos vales
O rouco som da irada artilheria.
Musa, honremos o Herói que o povo rude
Subjugou do Uruguai, e no seu sangue
Dos decretos reais lavou a afronta.*

índios



A história volta no tempo, apresentando o General Gomes Freire de Andrade, que aguarda a chegada do atrasado exército espanhol. Chegada de Catâneo, enviado pelos espanhóis. Após o encontro das tropas luso-espanholas, Andrade ordena um desfile do exército português, a fim de exibir seu poder aos aliados. Andrade então os convida para um banquete e explica as razões da guerra.

*Ali Catâneo ao General pedia
Que do princípio lhe dissesse as causas
Da nova guerra e do fatal tumulto.
Se aos padres seguem os rebeldes povos?
Quem os governa em paz e na peleja?
Que do premeditado oculto Império
Vagamente na Europa se falava
Nos seus lugares cada qual imóvel
Pende da sua boca: atende em roda
Tudo em silêncio, e dá princípio Andrade:*

Jesuítas

Portugal + Espanha



*O nosso último rei e o rei de Espanha
Determinaram, por cortar de um golpe,
Como sabeis, neste ângulo da terra,
As desordens de povos confinantes,
Que mais certos sinais nos dividissem
Tirando a linha de onde a estéril costa,*

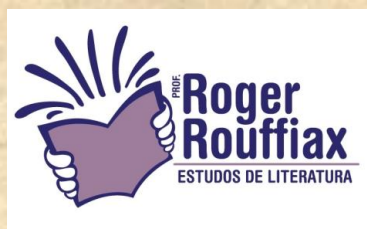
*E o cerro de Castilhos o mar lava
Ao monte mais vizinho, e que as vertentes
Os termos do domínio assinalassem.*

***Vossa fica a Colônia, e ficam nossos
Sete povos, que os Bárbaros habitam
Naquela oriental vasta campina
Que o fértil Uruguai discorre e banha.***



Canto II: Marcha em direção aos Setes

Povos. No caminho, há o encontro com um batalhão de índios e Andrade decide tentar a diplomacia, soltando os índios que trazia prisioneiros e buscando o diálogo. Dá-se o encontro entre os chefes índios Sepé e Cacambo com Gomes Freire de Andrade. Fracassadas as tentativas de paz, começa a batalha. Atingido pelo Governador de Montevideu, Sepé morre. Os índios se retiram.



*Depois de haver marchado muitos dias
Enfim junto a um ribeiro, que atravessa
Sereno e manso um curvo e fresco vale,
Acharam, os que o campo descobriram,
Um cavalo anelante, e o peito e as ancas
Coberto de suor e branca escuma.*

*Temos perto o inimigo: aos seus dizia
O esperto General: Sei que costumam
Trazer os índios um volúvel laço (...)*

*Quando Meneses, que vizinho estava,
Lhe diz: Nestes desertos encontramos
Mais do que se esperava, e me parece
Que só por força de armas poderemos
Inteiramente sujeitar os povos.*

*Torna-lhe o General: Tentem-se os meios
De brandura e de amor; se isto não basta,
Farei a meu pesar o último esforço.*

Razão no lugar das
armas: postura de acordo
com o Iluminismo.

Fala de Cacambo:

*Volta, senhor, não passes adiante.
Que mais queres de nós? Não nos obrigues
A resistir-te em campo aberto. Pode
Custar-te muito sangue o dar um passo.
Não queiras ver se cortam nossas frechas.
Vê que o nome dos reis não nos assusta.
O teu está muito longe; e nós os índios
Não temos outro rei mais do que os padres.*

Fala de Gomes Freire de Andrade

O rei é vosso pai: quer-vos felizes.

Sois livres, como eu sou; e sereis livres.

Não sendo aqui, em qualquer outra parte.

Mas deveis entregar-nos estas terras.

Ao bem público cede o bem privado. ➡ **Iluminismo**

O sossego da Europa assim o pede.

Assim manda o rei. Vós sois rebeldes,

Se não obedeceis; mas os rebeldes

Eu sei que não sois vós - são os bons padres,

Que vos dizem a todos que sois livres,

E se servem de vós como escravos.

Armados de orações vos põem no campo

Contra o fero trovão da artilheria,

Que os muros arrebatam; e se contentam

De ver de longe a guerra: sacrificam,

Avarentos do seu, o vosso sangue.



Defesa do Direito Natural

Fala de Sepé Tiaraju:



*Sepé, que entra no meio, e diz: Cacambo
Fez mais do que devia; e todos sabem*

*Que estas terras, que pisas, o céu livres
Deu aos nossos avós; nós também livres
As recebemos dos antepassados.*

Livres as hão de herdar os nossos filhos.

Desconhecemos, detestamos jugo

Que não seja o do céu, por mão dos padres.

As frechas partirão nossas contendidas

Dentro de pouco tempo: e o vosso Mundo,

Se nele um resto houver de humanidade,

Julgará entre nós; se defendemos

Tu a injustiça, e nós o Deus e a Pátria.

Enfim quereis a guerra, e tereis guerra.

Lhe torna o General: Podeis partir-vos,

Que tendes livres o passo. Assim dizendo,

Manda dar a Cacambo rica espada

De tortas guarnições de prata e ouro,

A que inda mais valor dera o trabalho.

Um bordado chapéu e larga cinta

Verde, e capa de verde e fino pano,

Com bandas amarelas e encarnadas.

(...) E mandou que a Sepé se desse um arco
De pontas de marfim; e ornada e cheia
De novas setas a famosa aljava:
A mesma aljava que deixara um dia,
Quando envolto em seu sangue, e vivo apenas,
Sem arco e sem cavalo, foi trazido
Prisioneiro de guerra ao **nosso** campo.
Lembrou-se o índio da passada injúria
E sobraçando a conhecida aljava
Lhe disse: Ó General, eu te agradeço
As setas que me dás e te prometo
Mandar-tas bem depressa uma por uma
Entre nuvens de pó no ardor da guerra.
Tu as conhecerás pelas feridas,
Ou porque rompem com mais força os ares.

Descrição de Baldetta:

*Gentil mancebo presumido e néscio,
A quem a popular lisonja engana,
Vaidoso pelo campo discorria,
Fazendo ostentação dos seus penachos.
Impertinente e de família escura,
Mas que tinha o favor dos santos padres,
Contam, não sei se é certo, que o tivera
A estéril mãe por orações de Balda.
Chamaram-no Baldetta por memória.*

Ah... tá!



*A estéril mãe por orações de Balda.
Chamaram-no Baldetta por memória.*

Baldetta é salvo por Tatu-Guaçu



mestiço

X

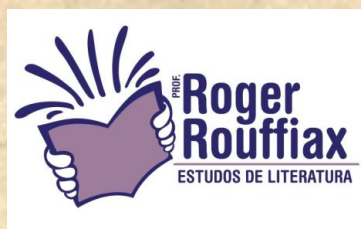


puro, bom selvagem

A Guerra

*Fez proezas Sepé naquele dia.
Conhecido de todos, no perigo
Mostrava descoberto o rosto e o peito
Forçando os seus co' exemplo e co'as palavras.
Já tinha despejado a aljava toda,
E destro em atirar, e irado e forte
Quantas setas da mão voar fazia
Tantas na **nossa gente** ensangüentava.*





Canto III: Após a vitória, as tropas luso-

espanholas seguem para as Missões. Montam acampamento junto ao Rio Uruguai. Próximo a eles ainda estão os índios: então aparece a Cacambo o fantasma de Sepé, que sugere ao companheiro incendiar o acampamento das tropas ibéricas. Cacambo coloca fogo e foge, voltando para a Missão. Em sua “pátria amada”, Cacambo é preso e envenenado, pois o Padre Balda queria que a esposa de Cacambo, Lindóia, se casasse com seu “afilhado” Baldetta. Lindóia procura a feiticeira Tanajura, pois quer encontrar seu amado Cacambo. A velha índia a leva a uma gruta e lá prepara um feitiço. Porém Lindóia não vê seu marido, e sim o terremoto de Lisboa (1755), a reconstrução da cidade pelo Marquês do Pombal e a expulsão dos jesuítas de Portugal.

O sonho de Cacambo:

*Era noite alta, e carrancudo e triste
Negava o céu envolto em pobre manto
A luz ao mundo, e murmurar se ouvia
Ao longe o rio, e menear-se o vento.
Respirava descanso a natureza.
Só na outra margem não podia entanto
O inquieto Cacambo achar sossego.
No perturbado interrompido sono
(Talvez fosse ilusão) se lhe apresenta
A triste imagem de Sepé despido,
Pintado o rosto do temor da morte,
Banhado em negro sangue, que corria
Do peito aberto, e nos pisados braços
Inda os sinais da mísera caída.*



*O espanto, a morte! E diz-lhe em tristes vozes:
Foge, fuge, Cacambo. E tu descansas,
Tendo tão perto os inimigos? Torna,
Torna aos teus bosques, e nas pátrias grutas
Tua fraqueza e desventura encobre.
Ou, se acaso inda vivem no teu peito
Os desejos de glória, ao duro passo
Resiste valeroso; ah tu, que podes!
E tu, que podes, põe a mão nos peitos
À fortuna de Europa: agora é tempo,
Que descuidados da outra parte dormem.
Envolve em fogo e fumo o campo, e paguem
O teu sangue e o meu sangue. Assim dizendo
Se perdeu entre as nuvens, sacudindo
Sobre as tendas, no ar, fumante tocha;
E assinala com chamas o caminho.*

A trama do Pe. Balda:

*(...) Não consente
O cauteloso Balda que Lindóia
Chegue a falar ao seu esposo; e manda
Que uma escura prisão o esconda e aparte
Da luz do sol. Nem os reais parentes,
Nem dos amigos a piedade, e o pranto
Da enternecida esposa abranda o peito
Do obstinado juiz: até que à força
De desgostos, de mágoa e de saudade,
Por meio de um licor desconhecido,
Que lhe deu compassivo o santo padre,
Jaz o ilustre Cacambo - entre os gentios
Único que na paz e em dura guerra
De virtude e valor deu claro exemplo.*

Tanjura mostra o terremoto de Lisboa (1755)





Tanajura e a visão de Lindóia

(...) e viu Lisboa

Entre despedaçados edifícios,

Com o solto cabelo descomposto,

Tropeçando em ruínas encostar-se.

Desamparada dos habitantes

A Rainha do Tejo, e solitária,

No meio de sepulcros procurava

Com seus olhos socorro; e com seus olhos

Só descobria de um e de outro lado

Pendentes muros e inclinadas torres.

(...) Mas do céu sereno

Em branca nuvem Próvida Donzela

Rapidamente desce e lhe apresenta, (...)

Por onde quer que ele encaminha os passos

Dão lugar as ruínas. Viu Lindóia

Do meio delas, só a um seu aceno,

Sair da terra feitos e acabados

Vistosos edifícios. Já mais bela

Conde de Oeiras (Pombal)

*Nasce Lisboa de entre as cinzas - glória
Do grande conde, que co'a mão robusta
Lhe firmou na alta testa os vacilantes
Mal seguros castelos. Mais ao longe
Prontas no Tejo, e ao curvo ferro atadas
Aos olhos dão de si terrível mostra,
Ameaçando o mar, as poderosas
Soberbas naus. (...)
E envolta em negros e compridos panos
A Discórdia, o Furor. A torpe e velha
Hipocrisia vagorosamente
Atrás deles caminha; e inda duvida
Que houvesse mão que se atrevesse a tanto.
O povo a mostra com o dedo; e ela,
Com os olhos no chão, da luz do dia
Foge, e cobrir o rosto inda procura
Com os pedaços do rasgado manto.
Vai, filha da ambição, onde te levam
O vento e os mares: possam teus alunos
Andar errando sobre as águas; possa
Negar-lhe a bela Europa abrigo e porto.*

Expulsão dos Jesuítas (1759)



Canto IV: As forças luso-espanholas aproximam-se da Missão. Balda prepara uma festa de casamento para Lindóia e Baldetta com um desfile militar, mas a índia prefere morrer a trair a memória de seu marido e de seu povo. Diante do ataque que se prepara, Balda ordena a retirada e manda incendiar a aldeia. Ao chegar ali e ver toda a destruição, Andrade chora.

Morte de Lindóia

*Este lugar delicioso e triste,
Cansada de viver, tinha escolhido
Para morrer a mísera Lindóia.
Lá reclinada, como que dormia,
Na branda relva e nas mimosas flores,
Tinha a face na mão, e a mão no tronco
De um fúnebre cipreste, que espalhava
Melancólica sombra. (...)*



*(...) Mais de perto
Descobrem que se enrola no seu corpo
Verde serpente, e lhe passeia, e cinge
Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.
Fogem de a ver assim, sobressaltados,
E param cheios de amor ao longe;
E nem se atrevem a chamá-la, e temem
Que desperte assustada, e irrite o monstro,
E fuja, e apresse no fugir a morte.*

*Porém o destro Caitutu, que treme
Do perigo da irmã, sem mais demora
Dobrou as pontas do arco, e quis três vezes
Soltar o tiro, e vacilou três vezes
Entre a ira e o temor. Enfim sacode
O arco e faz voar a aguda seta,
Que toca o peito de Lindóia, e fere
A serpente na testa, e a boca e os dentes
Deixou cravado no vizinho tronco.*

*Açouta o campo co'a ligeira cauda
O irado monstro, e em tortuosos giros
Se enrosca no cipreste, e verte envolto
Em negro sangue o lívido veneno.
Leva nos braços a infeliz Lindóia
O desgraçado irmão, que ao despertá-la
Conhece, com que dor! No frio rosto
Os sinais do veneno, e vê ferido
Pelo dente sutil o brando peito.*



Lindóia – José M. de Medeiros

Canto V: O que se vê na pintura do teto é uma espécie de alegoria das ações da Companhia de Jesus, em que aparecem crimes, traições, atos infames e até mesmo o fracasso de D. Sebastião em Alcácer-Quibir para beneficiar a Espanha. O autor encerra a narrativa louvando o herói Gomes Freire de Andrade, justificando as razões dos índios e indicando que os únicos vilões da história são os jesuítas.

*Entra no povo e ao templo se encaminha
O **invicto Andrade**; e generoso, entanto,
Reprime a militar licença, e a todos
Co'a grande sombra ampara: alegre e brando
No meio da vitória. Em roda o cercam
(Nem se enganaram) procurando abrigo
Chorasas mães, e filhos inocentes,
E curvos pais e tímidas donzelas. (...)*

*Aos pés do General as toscas armas
Já tem deposto o rude Americano,
Que reconhece as ordens e se humilha,
E a imagem do seu rei prostrado adora.*

Final

*Serás lido, Uruguai. Cubra os meus olhos
Embora um dia a escura noite eterna.*

Dica:

Associe **Canto / Fato / Personagem**

Exemplos: **Canto II / morte / Sepé**

Canto IV / morte / Lindóia

Observações finais

- ▶ O poema é escrito em decassílabos brancos, sem divisão em estrofes.
- ▶ Abandona a linguagem mitológica, mas ainda adota o maravilhoso, apoiado na mitologia indígena. Foge, assim, ao modelo imposto em língua portuguesa, *Os Lusíadas*.
- ▶ Por todo o texto, perpassa o **propósito de crítica aos jesuítas**, que domina a elaboração do poema.
- ▶ A **oposição entre rusticidade e civilização**, próprio do Arcadismo, favorece, no Brasil, a presença do **índio como tema literário**.
- ▶ Assim, apesar da intenção de fazer uma **obra anti-jesuítica para obter as graças de Pombal**, observa-se também o interesse em descrever o **conflito entre a ordenação racional da Europa e o primitivismo do índio**. Quer dizer, além do poema exaltar a figura de um herói, paralelamente faz o estudo de uma situação: o drama do choque de culturas.
- ▶ Devido ao tema do índio, durante todo o Romantismo, o nome de Basílio da Gama foi talvez o mais freqüente, quando se tratava de apontar os precursores da literatura nacional.
- ▶ Convém lembrar que, para o poeta, o **indianismo não foi uma vivência, foi antes um tema arcádico transposto em linguagem pitoresca**.
- ▶ Outro aspecto que sugere a **antecipação do Romantismo é o episódio da morte de Lindóia**, que morre por amor, mantendo-se fiel ao marido mesmo depois da morte deste.

Gabarito:

1. D
2. C
3. A
4. A
5. A
6. B
7. D
8. A
9. B
10. E
11. C
12. C

